



Ministério

Adventista



Novembro-Dezembro de 1962



A INSTITUIÇÃO do BATISMO e ALGUNS PROBLEMAS

ENOCH DE OLIVEIRA

O BATISMO de Jesus, immortalizado por tantos e tão festejados mestres da pintura, constitui o ato inaugural de uma admirável missão redentora. É João Batista, o singular asceta precursor, que nos descobre o extraordinário significado dos acontecimentos ocorridos à beira do Jordão.

Certo dia, lobrigando o Homem de Nazaré, êle O apresenta como "o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo" (S. João 1:29) e estriba esta afirmação sobre o que lhe foi revelado ao ensejo do batismo de Jesus: "Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e repousar sobre Ele. E eu não O conhecia, mas o que me mandou a batizar com água, Esse me disse: sobre Aquêlê que vives descer o Espírito, e sobre Ele repousar, Esse é o que batiza com o Espírito Santo." S. João 1:32 e 33.

Das águas plácidas e remansosas do Jordão saiu o Redentor, ungido pelo Espírito Santo, para realizar a obra imortal que, com as luzes da inspiração, anunciaram os antigos profetas hebreus.

Quão extraordinário foi o ministério de Jesus! Porém, a obra iniciada de maneira tão auspiciosa não poderia sofrer solução de continuidade. Quando já no caso de Sua obra na Terra, disse o Senhor aos seus discípulos: "Portanto ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo."

Com efeito, nas palavras de Jesus encontramos um programa de extraordinária magnitude e ilimitado alcance. Como Igreja estamos realizando a obra que nos foi cometida, proclamando às multões, "as riquezas insondáveis de Cristo", e batizando todos quantos manifestam os inconfundíveis frutos do arrependimento.

Entretanto, como ministros, no tocante ao rito batismal nos deparamos com alguns problemas que exigem equilíbrio, bom senso e inspiração divina. Eis alguns destes problemas:

1. Deve um Insano Mental ser Batizado?

Esta pergunta suscita uma série de considerações. Todos sabemos existir diferentes tipos de insanidade mental. Existem os idiotas profundos, os idiotas simples, os imbecis, os débeis intelectuais e os indivíduos "pouco dotados". Naturalmente não estamos considerando aquêles qualificados pela ciência como loucos. Os idiotas simples ou profundos são completamente destituídos de inteligência. Já os imbecis que se distinguem dos idiotas pela ausência de qualquer estigma físico, manifestam uma memória viva e certas aptidões, quase sempre impossível de utilizar. Os débeis intelectuais e os indivíduos "pouco dotados", poderíamos cifrá-los com uma só palavra: retardados.

Deve um ministro batizar a um idiota, imbecil ou retardado? Se um candidato imbecil ou retardado revela evidências de arrependimento e conversão, se êle é suficientemente capaz de assimilar os princípios fundamentais do evangelho, e se a sua conduta se harmoniza com os princípios da verdade, não devemos vacilar em levá-lo às águas lustrais do santo batismo. Os idiotas, reconhecidamente estúpidos, jamais satisfarão as condições acima enunciadas, e por isso mesmo não devem ser batizados.

2. Seria Recomendável o Batismo de um Ativo Membro da Maçonaria?

Dix a Sra. White: "Não nos devemos associar a sociedades secretas nem a uniões trabalhistas. Devemos permanecer livres perante Deus, à espera constante de instruções de Cristo." Test., Vol. VII, pág. 84.

Inferimos dêste inspirado conselho que todos quantos desejam pertencer ao povo remanescente devem se apartar das organizações secretas e

(Continua na pág. 16)



Ilustrações

Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Christianini
Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil	
Assinatura Anual	Cr\$ 500,00
Número Avulso	Cr\$ 85,00
Estrangeiro	
Assinatura Anual	US\$ 2,00
Número Avulso	US\$ 0,35



Ano 27 No. 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

A Instituição do Batismo	Enoch de Oliveira	2
--------------------------------	-------------------	---

ILUSTRAÇÕES

Lágrimas de Gratidão		3
Cristo é Tudo para Nós		3

ARTIGOS GERAIS

O Batismo	Wadie Farag	4
Como Ministar o Batismo	R. A. Anderson	7
A significação do Batismo	A. R. Fraser	10

OBRA PASTORAL

A Vida Devocional do Obreiro Cristão	João Tabuenca	12
A Espôsa do Pastor	M. A. Nigri	14

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

Bênçãos de Deus Sobre Valdívia	Valter Cameron	15
--------------------------------------	----------------	----

PESQUISA, TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

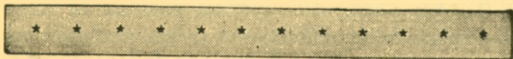
O Movimento Ecumênico	Werner Vyhmeister	17
-----------------------------	-------------------	----

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

.....		20
-------	--	----

MISCELANEA

.....		22
-------	--	----

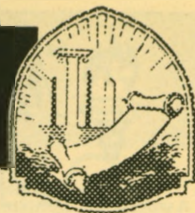


Lágrimas de Gratidão

Falecera em Londres uma das maiores servas de Deus. Seu corpo foi levado para um dos maiores auditórios da cidade para que o povo pudesse prestar-lhe homenagem. Veio uma representante da rainha; nobres de ambos os sexos passavam pelo esquife. Finalmente centenas de pessoas mais pobres avizinham-se do caixão mortuário. Com êstes últimos veio uma pobre mulher usando pequeno xale preso à cabeça. Levava uma criança nos braços e outra maior pela mão. Ao chegar junto do esquife, desceu a criança, que carregava, soltou a mão da mão da criança maior e curvou-se sobre a morta, chorando fortemente. Permaneceu ali muito tempo a ponto de os servos tentarem afastá-la. Contemplando a multidão atrás de si, ela exclamou: "Andei a pé quarenta milhas e trouxe meu filhinho para que eu pudesse ver o rosto desta mulher. Ela conduziu meus filhos jovens a Jesus. Eles estavam destinados ao inferno. Tenho o direito de vê-la e chorar." As pessoas presentes soluçavam de simpatia por ela. A mulher que se achava no esquife era Catarina Booth, mãe do Exército de Salvação. É bom que sempre demonstremos gratidão por aqueles que trouxeram o Salvador ao nosso conhecimento e de nossos queridos. Deveríamos cessar de louvá-Lo por ter-nos redimido pelo Seu precioso sangue? — *Illustrations for Preachers and Speakers*, por Keith L. Brooks

Cristo é Tudo Para Nós

Queres curar tua ferida?
Ele é o médico.
Devora-te a sede?
Ele é a fonte.
Estás acabrunhado com o peso da tua iniquidade?
Ele é que justifica.
Temes a morte?
Ele é a vida.
Aspiras as coisas de cima?
Ele é o caminho.
Queres fugir das trevas?
Ele é a luz.
Tens fome?
Ele é o alimento.
Provai e vêde quão bom é o Senhor.
Ditoso o homem que põe sua esperança n'Ele.
Santo Ambrósio



O BATISMO

WADIE FARAG

Evangelista na União do Nilo



O BATISMO é quase universalmente praticado hoje entre os cristãos. A igreja papal sustenta que o batismo é um de seus sete sacramentos — batismo, confirmação, eucaristia, penitência, extrema unção e casamento. Os protestantes em geral admitem duas ordenanças: o batismo e a ceia do Senhor (Alguns praticam a ordenança do lava-pés em ligação com a última).

O batismo como é praticado hoje por diferentes congregações cristãs varia tanto no que se refere aos indivíduos como nas formas. Algumas igrejas consideram os indivíduos aptos para o batismo quando adultos, que professam fé em Cristo e tenham uma experiência cristã individual. Outros praticam esta ordenança em crianças.

Há três espécies de batismos praticados pelas diferentes igrejas hoje. São imersão, aspersão e afusão. A maioria das igrejas protestantes batiza os candidatos com água (em que o oficiante pronuncia a fórmula que declara ser “em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”) mas não acompanha o batismo com várias formas e cerimônias como as que são amplamente praticadas nas igrejas de Roma e do Oriente.

Algumas igrejas batizam por imersão três vezes, outras por aspersão três vezes. Algumas imergem uma única vez, outras aspergem apenas uma vez. Alguns batizam os candidatos pela frente, outros por trás. Algumas igrejas têm cerimônias complementares, como de assoprar sobre o batizando, ungiendo o candidato com óleo, dando-lhe leite com mel, colocando um pouco de sal em sua boca e tocando em suas narinas e orelhas. Algumas dão ao candidato um nome no batismo e vestem-no de uma roupa branca após o mesmo.

Desde o décimo século que a igreja de Roma tem seguido o costume de batizar os sinos. Eles às vezes substituem o termo “bênção” por “batismo”, mas o rito em si é praticamente idêntico ao do batismo, mesmo no enprêgo da consagr da fórmula: “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Frequentemente dão um nome ao sino por ocasião do batismo e também uma espécie de apadrinhamento, como por padrinhos e madrinhas.

Disto tudo podemos facilmente ver que a ordenança do batismo foi deturpada pelas diversas comunidades cristãs desde os tempos apostólicos. Cristo não teria ensinado tão variadas formas do rito do batismo. Para distinguir a verdade do erro, uma busca da verdade limita-se em consultar a Bíblia — a Palavra escrita de Deus.

O que a Bíblia Ensina Sobre o Batismo

Do estudo da Bíblia, conclui-se quatro fatos importantes:

1. Que a ordenança do batismo é instituída por Cristo para ser um rito perpétuo e universal. Foi praticada pelos apóstolos depois da ascensão de Cristo. Isto é ensinado nos seguintes textos:

S. Mateus 28:19: “Portanto ide, ensinai tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.”

Atos 2:38-41: “E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. . . De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra.”

S. Marcos 16:16: “Quem crer e fôr batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”.

2. Que a imersão é a única maneira de batismo ensinada na Bíblia e a única praticada na igreja primitiva. Isto evidencia-se de:

a. (O sentido do verbo grego *baptizo*, "batizar", é "imersão").

b. A linguagem empregada nas Escrituras com referência a batizar: Os relatos inspirados dizem que João batizou "no rio Jordão" (S. Mat. 3:6); que Jesus depois de Seu batismo "Saiu logo da água" (verso 16); e que o eunuco e Filipe "desceram ambos à água" para o batismo (Atos 8:38).

c. O fato de que o batismo por imersão significa a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Os outros tipos de batismo: aspersão e afusão, anulam a ordenança de seu sentido e dão em troca o significado de mero rito. Apenas a imersão, submersão e a emersão podem acertadamente simbolizar a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo:

Romanos 6:3 e 4: "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na Sua morte? De sorte que fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de Vida".

Colossenses 2:12: "Sepultados com Ele no batismo, nEle também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que O ressuscitou dos mortos".

d. O fato indiscutível de que a igreja primitiva praticava a imersão como tipo de batismo, evidencia-se do testemunho da história eclesiástica, da construção de batistérios na igreja cristã primitiva e da sucessiva prática das igrejas da Grécia e Copta até o dia de hoje. (Ver *Chambers' Encyclopaedia*, Vol. 1, pág. 676, edição de 1885.)

3. Que os indivíduos do batismo são adultos, não crianças, que já se tornaram discípulos e que tiveram uma completa mudança de coração e manifestaram crer em Jesus como seu próprio Salvador; não há força misteriosa nenhuma no rito do batismo em si. O batismo não pode produzir arrependimento no indivíduo; antes, o passo é dado por causa do arrependimento que já tomou lugar na vida do crente. Isto evidencia-se dos seguintes fatos:

a. A ordem de Cristo é batizar aqueles que primeiro se tornaram discípulos:

S. Mateus 28:19: "Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo."

Atos 2:41: "De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram quase três mil almas."

b. As Escrituras não contêm nenhuma ordem positiva ou explícita para o batismo de crianças; nem há aí algum exemplo de batismo que tenha sido realizado em crianças. Por outro lado, a Bíblia ensina que os discípulos foram batizados já

adultos: "homem e mulher" que já haviam se arrependido:

Atos 2:37 e 38: "E, ouvindo eles isto, compunham-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? E disse-lhes Pedro: arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados."

Atos 8:12: "Mas como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres."

Atos 18:8: "E Crespo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa; e muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados."

4. Que o batismo é meramente um ato físico simbolizando uma transformação espiritual que já se efetuou na vida do crente antes de seu batismo. O batismo é uma ordenança visível dada como uma demonstração de um estado interior de graça já experimentada. O batismo não efetua uma mudança mas é representado como uma prova de mudança. Isto torna o batismo infantil contrário à Escritura:

Atos 10:47: "Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?"

S. Marcos 16:16: "Quem crer e fôr batizado será salvo; mas quem não crer será condenado."

A Maneira, as Pessoas e Sentido do Batismo

Dos pontos aqui considerados concluímos os seguintes fatos:

1. Que o batismo é uma ordenança instituída por Cristo e praticada pelos apóstolos (*S. Mateus 28:19*; *Atos 2:38*).

2. Que o modo bíblico de batismo é o de imersão, a única maneira que pode simbolizar a morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. As outras maneiras anulam a ordenança de seu significado e não são bíblicas (*Rom. 6:3 e 4*; *S. Mat. 3:6 e 16*; *Atos 8:38*).

3. Que as pessoas que receberam o Espírito Santo foram mais tarde batizadas, provando, por isso, que não há poder no rito em si mas é uma demonstração exterior de uma crença interior na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo para a salvação de todo aquele que crê (*Atos 10:47*; *S. Marcos 16:16*; *S. Mat. 28:19*).

4. Que adultos que foram ensinados e tiveram uma transformação do coração por aceitar a obra substitutiva de Cristo em seu benefício são as próprias pessoas do batismo (*S. Mat. 28:19*; *3:2, 3 e 6*; *Atos 2:37 e 38*; *8:12*; *18:8*).

Práticas Contrárias às Escrituras

Apesar do compreensível ensino da Bíblia no que se refere ao batismo encontramos dois erros

principais praticados hoje pelas diferentes comunidades cristãs. São estes: batismos por aspersão, ou afusão e batismos infantis. Para estas duas práticas não as apoiam nem a autoridade de Cristo nem de Seus apóstolos, mas introduziram-se na igreja depois da era apostólica. A igreja não tem direito de mudar uma ordem expressa de Cristo, porque ela é simplesmente um poder executivo e não legislativo. Igreja alguma pode mudar os mandamentos ou ordenanças de Deus. Isto não é prerrogativa da igreja, nem tampouco o pode ser. A autoridade da igreja, contudo, encontra-se na observância dos mandamentos de Cristo, não em sua ab-rogação ou substituição. A obra da igreja é não de mudar os mandamentos de Deus para se adaptar às inclinações dos indivíduos, mas antes de modificá-los no sentido de se conformarem aos mandamentos de Deus. A igreja realiza esta obra através do poder do Espírito Santo que lhe é dado. O Espírito, contudo, não ensina novas doutrinas, pelo fato de que Deus é imutável e que não alterará “o que saiu” de Seus lábios, e porque a Bíblia acentua que o Espírito “não falará de Si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir” (Sal. 89:34; S. João 16:13; ver Mal. 3:6).

Afusão ou aspersão não pode dar a expressão figurada da fé do crente na morte, sepultamento e ressurreição de Cristo. Completa imersão na água apenas, que foi a prática universal durante os primeiros séculos do cristianismo, pode dar esta ilustração. Comunidade cristã alguma tem o direito de mudar a maneira bíblica de batismo por imersão para aspersão ou afusão. Ao assim fazer, tornam nula a ordenança de seu significado, pervertem e deturpam a ordem do próprio Cristo.

Ao substituir o batismo infantil pelo batismo de adultos a ordem de Cristo foi ab-rogada. Os membros vêm então na igreja por hereditariedade e não pela conversão. Qualquer pessoa apesar de si mesma, poderá assim se tornar membro na igreja. Isto faz com que a igreja se apegue ao mundo. Batizar um bebê, que chora e resiste antes que tenha oportunidade de pessoalmente aceitar a obra substitutiva de Cristo torna o rito ridículo e sem significado. Isto também dá acesso aos crentes supersticiosos de que haja um poder mágico na água. Ninguém se surpreende que a Igreja Católica batiza sinos e rosários, e ainda em alguns países as pessoas trazem gatos, pássaros, coelhos, jumentos e porcos para serem batizados pelo pastor!

Por ter sido ab-rogada a ordem bíblica que requer arrependimento antes do batismo, analogias absurdas e razões são dadas para defender o batismo infantil. Alguns pretendem que o batismo tenha tornado o lugar da circuncisão. Esquecem-se, porém, de três fatos. Primeiro, que a

circuncisão foi um rito nacional sob o governo teocrático. Não se tratava de um cerimonial religioso. Segundo, que João Batista, Pedro e os apóstolos batizaram cristãos judeus que haviam sido circuncidados, demonstrando dessa maneira afirmativamente que o batismo não substitui a circuncisão. E terceiro, que enquanto a circuncisão fôra um rito nacional apenas para o sexo masculino, o batismo o é para os do masculino e feminino. As Escrituras dizem que Filipe batizava “tanto homens como mulheres” (Atos 8:12).

Outros, em defesa do batismo infantil, pretendem que o batismo é a lavagem do pecado original! A respeito disso nos perguntamos como pode alguém se arrepender do pecado original? Se a Bíblia requer arrependimento antes do batismo, então pode este arrependimento ser pelo pecado original? Certamente, que ninguém pode se arrepender do pecado original — um pecado do qual ele não é responsável.

A Bíblia nada diz sobre o batismo como lavagem do pecado original, mas antes que o batismo é um símbolo da lavagem dos próprios pecados de alguém (Atos 2:38; 22:16; Efés. 5:26; Tito 3:5).

Outros ainda defendem o batismo infantil com a mera conjectura de poder ter havido crianças nos lares de Estéfanos Lídia e do carcereiro que foram batizados por Paulo. Nisto, contudo, permanece uma conjectura, e conjecturas são fundamentos nada sólidos para a crença. O caso é que em I Coríntios 16:15 parece mostrar que toda a família de Estéfanos era composta de adultos e não de crianças.

O que mais surpreende é que as igrejas que pretendem crer na justificação pela fé e não pelas obras, vão de encontro com suas próprias crenças ao batizarem crianças. Uma vez que o batismo é separado da fé do indivíduo, a ordenança é pervertida e o membro se torna dependente nas obras que exigem manejos exteriores, e apartados da fé. Certamente o batismo de crianças não as tornaria mais crianças cristãs do que o colocá-las no trono, transformá-las-ia em reis ou rainhas. Se o batismo de crianças em sua totalidade nada faz, dá apenas aos pais uma segurança supersticiosa num rito exterior como posse de um poder espiritual. Fá-los crer que ser membro de igreja é uma questão de hereditariedade. Incoerente como possa parecer, não há uma comunidade cristã que creia no sacerdócio hereditário como foi o caso do judaísmo, mas alguns pela prática pareciam demonstrar sua crença na hereditariedade em ser membro da igreja. Presentemente, apenas uma mãe me disse: “Batizei meu filho ainda bebê para que quando crescer não se desvie tornando-se ateu. Como está agora, estou segura de ser ele um cristão sem considerar o que se verifica ser”. Se isto não é justificção pelas obras, o que é então?

(Continua na pág. 13)

COMO MINISTRAR O BATISMO

R. A. ANDERSON

(Secretário da Associação Ministerial da Assoc. Geral)



DENTRE todos os escritores do Nôvo Testamento, é Paulo quem mais claramente desdobra o belo significado espiritual do batismo. Escrevendo aos Gálatas, diz êle: "Todos quantos fostes batizados em Cristo, de

Cristo vos revestistes. É batismo uma santa ordenança, destinada por Deus a trazer ao candidato a mais rica experiência espiritual.

Quando se planeja uma campanha evangelística e se torna talvez necessário chamar um evangelista para dirigir as reuniões, muitas vezes é embaraçoso resolver quem deverá batizar os novos conversos. É natural que os recém-vindos à fé esperem que o mesmo que os conduziu a Cristo seja o que os batize. E em muitos casos isto é muito apropriado. Mas é mais desejável que o evangelista e o pastor ou pastôres locais participem juntos da cerimônia. Isto muito concorre para ligar os novos crentes a seu pastor espiritual e firmá-los em suas igrejas. Pela própria natureza das coisas, requer-se do evangelista itinerante que se mude de um lugar para outro, e seus conversos têm de ficar aos cuidados de outros. Esta transferência de lealdade e interesse nem sempre é fácil. Pode efetivamente resultar daí a perda de almas. Todo esforço deve, pois, ser feito para impedir semelhante situação. Se se forma entre os obreiros temporários e os pastôres residentes um espírito de companheirismo, isso muito fará para consolidar a obra. Então, ao retirar-se o grupo evangelístico, os novos crentes já se sentirão intimamente ligados a sua igreja.

Pastôres Locais Preparam Candidatos

O evangelista que leva pessoas a se decidirem por Cristo é aquêle de quem realmente esperam guia espiritual. Quanto antes possa êle transferir as afeições de si mesmo para o pastor que irá ser de futuro o seu conselheiro, tanto melhor. E ninguém mais no mundo poderá comêntá-los tão fortemente em sua igreja futura, como o evangelista que lhes proporcionou a luz da verdade. Se, pois, o evangelista manifestar o espírito de João Batista, e de bom grado se sujeitar a diminuir, permitindo que o pastor cresça, isso promoverá um sadio espírito de boa vontade,

muito concorrendo para firmar êsses líderes nas afeições da igreja.

A Técnica do Serviço Batismal

A Bíblia apresenta o batismo como uma ordenança, mas também mais do que simples ordenança. Deve proporcionar ao candidato uma experiência real, e aos circunstantes uma impressão profunda e duradoura. Mas para que a cena seja impressiva, tem de ser ministrada num espírito devocional, isto é, como um culto a Deus. Nada de rude ou grosseiro se deve intrometer. É por natureza uma cerimônia muito solene, pois simboliza a morte e sepultamento de nosso Senhor. Mas é outrossim uma confissão pública por parte do batizando, de que também êle, em Cristo, morre para o pecado. O mesmo serviço também deve, porém, exprimir a alegria da ressurreição, pois havendo sido batizado com seu Senhor, o candidato agora se ergue para viver em "novidade de vida". Através de um período de várias semanas, ou talvez meses, êle estêve sujeito ao processo de morrer para si mesmo; estêve a crucificar os desejos da carne. Agora êle exprime tudo isso num determinado ato. É êle sepultado com o seu Senhor. Tendo morrido para o pecado, ergue-se para a fruição da plena alegria da ressurreição. Assim, deve o serviço ser animoso e repleto da esperança da ressurreição.

A fim de torná-lo impressivo, tudo que se relaciona com o serviço batismal deve ser apropriado. Quando sepultamos um ser querido, nenhum esforço se poupa a fim de tornar a ocasião o mais apropriada possível. Nenhuma sepultura é bonita, entretanto a presença de flores e de relva, embora artificialmente, por certo faz muito para atenuar o choque da morte. Da mesma forma, com um pouco de previsão e planejamento, o serviço batismal pode tornar-se expressivo e impressionante. Quando efetuado com propriedade, transmite uma mensagem com rara eloquência. Cuidadosamente examinados e planejados todos os pormenores, e presidido todo o serviço por um sentimento de profunda espiritualidade, temos então um verdadeiro culto de adoração a Deus.

Sempre é um privilégio unir preciosas almas ao seu Senhor nesse sepultamento público da antiga natureza, e é essa uma cerimônia dema-

siado importante para ser empurrada a um canto ou intercalada entre outras reuniões. As vezes tem sido realizada ao final de um culto de pregação, que por falta de devido planejamento nenhuma relação tinha com a ocasião. O batismo deve não só ser parte do culto, mas sim a parte vital e principal do todo. Tudo relacionado à cerimônia — os hinos, as orações, o sermão — deve convergir para esse ponto alto. As duas ordenanças — o batismo e a Ceia do Senhor, quando dirigidas como convém, farão mais para aprimorar a experiência espiritual dos crentes do que, talvez, tudo o mais. Da mensageira do Senhor nos vem um muito definido conselho acêrca do batismo:

“A pessoa encarregada de ministrar o batismo deve esforçar-se por celebrar o ato de modo a exercer êste uma influência solene e sagrada sôbre todos os expectadores. Cada rito da igreja deve ser executado dessa forma. Não deve receber um feitiço vulgar ou insignificante, ou ser reduzido ao nível das coisas triviais. Nossas igrejas necessitam ser educadas para maior respeito e reverência pelo culto divino.”¹

“Tudo que de algum modo se relaciona com êsse rito sagrado deve revelar cuidadoso preparo.”²

Na mesma referência nos é dito que “devemos evitar usar coisas desgraciosas e de mau gôsto, pois isto seria uma ofensa a Deus.”

Importância do Equipamento Devido

Se o batismo é efetuado num rio ou lago, proporciona-se maravilhosa oportunidade para testemunho público. Mas essas reuniões ao ar livre requerem mesmo maior atenção ao cuidado dos candidatos do que quando a cerimônia se realiza em recinto onde tudo é provido. O batismo na igreja dá menos trabalho, mas também são menores suas oportunidades evangelísticas.

Alguns dos serviços batismais mais impressionantes foram realizados em grandes auditórios ou teatros citadinos, onde se efetuavam campanhas evangelísticas. Tal cerimônia pode causar tremenda impressão para o bem. Mas onde quer que se realize, tem de ser providenciado o devido equipamento. Poucas coisas são tão importantes com os roupões. Sua aquisição representa bom emprego de capital.

“Cada igreja deve estar provida de roupas apropriadas para o batismo, nunca considerando isto como despesa inútil. Faz isto parte da obediência devida ao preceito que diz: ‘Faça-se tudo decentemente e com ordem’.” I Cor. 14: 40.

“Não convém que uma igreja se limite a tomar emprestada essas roupas de alguma outra. Muitas vezes, quando tiver necessidade delas, não poderá obtê-las; por outro lado tem havido certa negligência na restituição dessas roupas. Cada igreja deve, pois, prover as suas próprias necessidades no tocante a isso. Crie-se um fundo para êsse fim. Se tôda a igreja concorrer para o mesmo, não será um encargo pesado.”³

Se é prudente que cada igreja tenha um jôgo de vestes batismais, é também prudente que cada time evangelístico possua êsse equipamento. As vestes tanto do ministro como dos candidatos devem ser simbólicas. E se possível deve prover-se a cada candidato vestes e toalha individuais.

Essa toalha deve ser pequena, mas bastante grande para cobrir o rosto do batizando, quando é imergido. Pode-se usar um lenço, mas como os lenços variam de tamanho, a experiência tem mostrado a conveniência de, com o roupão, suprir essa toalhinha especial.

Como Segurar o Batizando

Ôbviamente há mais de uma maneira de segurar o candidato, mas poderão ser de proveito algumas sugestões. Há batismos a que faltam graça e eficiência, deixando assim uma impressão desfavorável. A experiência me tem demonstrado que, para mim, o melhor procedimento é o seguinte: Primeiro, coloco na minha mão direita a toalhinha especialmente preparada para o ato, e o candidato se segura com ambas as mãos ao meu pulso direito. Isto lhe dá uma sensação de segurança. Então coloco firmemente a mão esquerda entre seus ombros, e com poucas e bem escolhidas palavras exprimo à congregação minha crença na sinceridade do batizando, sua confiança em Deus, sua entrega do próprio eu, e sua ressurreição para uma vida de vitória. Concluo com a fórmula batismal, expressando-a em palavras mais ou menos assim: “E agora, irmão (ou irmã), sabendo que deu o coração ao Senhor Jesus, e que confia inteiramente em Seu perfeito sacrifício por sua salvação, prazerosamente (levanto a mão esquerda) o batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.” Dando um passo para a esquerda, baixo o candidato delicadamente para trás, imergindo-o. Ao mesmo tempo ergo a mão direita, para cobrir seu rosto. Êste ato evita qualquer tendência à sufocação, e assegura perfeito contrôlo no momento da imersão. Lembremo-nos de que movimentos lentos, deliberados, são essenciais ao êxito. Não haja nenhuma precipitação. O erguer o candidato é, naturalmente, símbolo da ressurreição, e convirá que o auditório cante uma estrofe de um hino apropriado, ou cântico de vitória. É também eficiente apenas o órgão tocar. Mas o serviço batismal é um culto, e os adoradores receberão maior benefício pela participação, do que sendo meramente expectadores.

Quando o candidato é erguido da água, convirá pegá-lo pela mão e dar-lhe a certeza da bênção de Deus para uma vida de vitória. Então êle vai para o vestiário, onde animosos auxiliares o ajudarão a remover as vestes molhadas. Um toque de suavidade pode ser acrescentado ao serviço se, ao sair o candidato da água, lhe fôr oferecida uma flor branca; pode ser, por exemplo, uma rosa para as senhoras e um cravo para os homens. Deve, em todo o caso, ser uma flor que represente pureza. Talvez o evangelista-auxiliar ou chefe dos diaconos possa fazer isso para os homens, e a instrutora bíblica ou chefe das diaconisas para as senhoras, proferindo na ocasi-

ão uma frase singela, como por exemplo: "Seja essa pequena flor um sinal da pureza da vida de Jesus, que o irmão acaba de receber. Que ela o inspire a guardar-se imaculado do mundo."

Esses pormenores podem parecer insignificantes, mas podem muito significar para o êxito do serviço. É embora eu insista que não se perca tempo com pormenores desnecessários, é certo que um acontecimento importante como é o batismo, merece nossa atenção. É este o maior dia na vida do candidato, e os minutos extras passados na execução dessas sugestões acrescentarão muito ao espírito de verdadeiro culto, e proporcionará uma experiência mais rica aos que são batizados.

Concluir o Serviço Batismal com um Apêlo

Terminado o serviço batismal propriamente dito, é impressivo que a bênção seja pronunciada no tanque. Mas antes de despedir os presentes, tenho seguido o costume de fazer um convite a quaisquer outros que, tendo sido impressionados pelo Espírito de Deus, gostariam de indicar seu desejo de participar de semelhante rito num futuro próximo. Isso podem fazer erguendo a mão, ou talvez pondo-se de pé. Acabando de testemunhar a vitória de outros, sentiram abrandar-se-lhes o coração, e talvez se rendam nessa ocasião alguns que não o fariam de outro modo.

Ao final de meu primeiro e grande serviço batismal público, num país muito conservador, fiz meu apêlo costumeiro, e o Senhor na verdade comoveu o coração de muitos. Mais de três mil pessoas estavam presentes, e quando pedi que se levantassem os que quisessem dar o mesmo passo num futuro próximo, pensei que talvez trinta ou quarenta o fizessem. Imagine-se minha surpresa quando vi levantarem-se cento e dezesseis! Bem treinados recepcionistas, sempre prontos para qualquer emergência, depressa tomaram-lhes os nomes, sendo eles mais tarde matriculados nas classes de preparo. Nem todos estavam preparados para o próximo batismo. Muitos precisavam de bem mais preparo. Mas ficaram impressionados, e essa foi a ocasião oportuna para conseguir sua decisão. Esse apêlo não precisa sempre ser feito pelo oficiante do batismo. Às vezes fui convidado para fazer o apêlo em lugar do evangelista. E esse apêlo sempre seguiu imediatamente o batismo do último candidato. Tenho-me sentido satisfeito de ver, em algumas ocasiões, levantar-se grande número de pessoas. Isto tem sido verdade especialmente em alguns lugares na América do Sul, embora tivesse que fazer o apêlo por intermédio de intérprete.

Concluído o serviço batismal, convirá providenciar condução para cada candidato voltar para casa. Talvez nem sempre seja isso necessário, pois alguns possuirão seu próprio carro. Mas se fôr preciso, poderão ser indicados ajudadores

para este serviço de amor. Tal plano é especialmente de auxílio, se os que usam seu carro podem ser aconselhados com antecedência. Devem ser instruídos em como dirigir a conversa para rumos de vitória espiritual. Isto reforçará a experiência de o candidato já alcançou.

O batismo é, na verdade, uma ordenança, mas se isto é tudo, está já derrotado seu próprio propósito. Tem de ser uma experiência vital. Não basta ser nascido da água. Temos de nascer também do Espírito, se queremos em nossa vida experimentar verdadeira vitória. Quando Ananias disse a Saulo de Tarso: "Levanta-te, recebe o batismo e lava os teus pecados, invocando o nome d'Ele" (Atos 22:16), êle se referia a alguma coisa mais do que mera ordenança.

O Batismo de Nosso Senhor

Lemos que, quando foi batizado nosso Senhor, Êle saiu da água, e ajoelhando-Se à margem do Jordão, rogou ao Pai o batismo de poder. Foi então que Êle recebeu a unção do Espírito. Estava a penetrar numa nova era de Sua vida, e precisava de uma outorga especial de poder. Impressionam-nos as seguintes palavras descritivas:

"O olhar do Salvador parece penetrar o Céu, ao deramar a alma em oração. . . . Nunca dantes haviam os anjos ouvido tal oração. Anseiam trazer a Seu amado Capitão uma mensagem de certeza e conforto. Mas não; o próprio Pai responderá à petição do Filho. Diretamente do trono são enviados os raios de Sua glória. Abrem-se os céus, e sobre a cabeça do Salvador desce a forma de uma pomba da mais pura luz — fiel emblema d'Ele, o manso e humilde.

"Dentre a massa à beira do Jordão, poucos, além do Batista, divisaram essa visão celeste. Entretanto, a solenidade da presença divina repousou sobre a assembléia. O povo ficou silencioso, a contemplar a Cristo. Seu vulto achava-se banhado pela luz que circunda sem cessar o trono de Deus. Seu rosto erguido estava glorificado como nunca tinham visto dantes um rosto de homem. Dos céus abertos, ouviu-se uma voz, dizendo: "Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo." (4)

E aquele que segue a seu Senhor pode reclamar o mesmo Espírito de poder. Assim, ao prepararmos nossos candidatos para essa cerimônia, conservemos ante eles essa experiência maior, e pela graça de Deus levemo-los a reclamar o dom do Espírito. Demasiados cristãos são batizados com o batismo de João, que era apenas batismo de arrependimento. O batismo do Espírito, unicamente, pode preparar a igreja para a trasladação. Essas palavras de Isaías não se referem primariamente ao batismo, entretanto bem se podem apropriar como adequada promessa para essa ocasião: "Quando passares pela água, estarei contigo." Sua presença com eles fará de seu batismo um antegozo do Céu.

1) *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, pág. 395.

2) *Idem*, pág. 396.

3) *Ibidem*.

4) *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 77 e 78.

A Significação do Batismo

A. R. FRASER

Professor de História, N. S. W., Austrália



UMA das crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia, mantidas em comum com outras fés cristãs conservadoras, é a do batismo por imersão. Consideramos ser o batismo uma das ordenanças da igreja cristã e um memorial apropriado da morte, sepultamento e ressurreição de Jesus Cristo. Como ato cerimonial, o batismo antecede a era cristã. O fato de o batismo por imersão haver sido um dos requisitos que os prosélitos eram obrigados a cumprir, evidencia que os judeus o praticavam. A oposição farisaica ao batismo joanino tinha base não numa disputa quanto à validade do rito, mas à autoridade para realizá-lo. Entretanto, com o ser batizado por João, nosso Senhor mostrou por meio de Sua própria observância que reconhecia neste rito uma cerimônia de fonte celestial. A instituição do batismo como ordenança cristã, conferiu-lhe maior significação do que havia antes possuído. Visa este artigo a considerar alguns dos aspectos mais salientes do batismo como símbolo apropriado.

Batismo Significa Purificação

Para o judeu familiarizado com o sistema mosaico as “várias abluções” (Heb. 9:10) indicados nas ordenanças tinham significação espiritual. Referiam-se não apenas à limpeza física mas também tinham definida aplicação ao conceito espiritual de purificação. Em sua oração de profunda confissão, Davi implorou a Deus: “Lavame, e ficarei mais alvo do que a neve” (Sal. 51:7). Ele tinha em mente o desejo de ser espiritualmente limpo. A ordenança do batismo é um símbolo apropriado dessa limpeza e purificação do pecado. Em *O Desejado de Todas as Nações*, lemos: “Como símbolo de purificação do pecado, ele, (João) batiza-os nas águas do Jordão. Assim, por uma significativa lição prática, declarava que os que pretendiam ser o povo escolhido de Deus estavam contaminados pelo pecado, e sem purificação de coração e vida, não poderiam ter parte no reino do Messias.” — (3ª ed.), pág. 73. A experiência do recém-converso Saulo de Tarso revela que o batismo simboliza a lavagem dos pecados. Em Atos 22:16 Paulo relembra sua experiência com Ananias, que disse: “Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus

pecados, invocando o nome do Senhor.” A lavagem dos pecados não é realizada meramente pelo ato do batismo, pois, em si mesmo, não possui êle virtude alguma. Esta eficácia do ato batismal advém quando há em acréscimo, um espírito de arrependimento e crença de que “o sangue de Jesus, Seu Filho, nos purifica de todo pecado” (I S. João 1:7). Esta limpeza, declara o apóstolo dois versículos adiante, é o resultante direto de confissão, de nossa parte, aliada ao perdão, da parte divina. É a função do poder purificador do evangelho “O poder de Deus para salvação” (Rom. 1:16) — para remover do pecador a impiedade, e o batismo é meramente o símbolo externo da limpeza interna.

Batismo Significa Mudança de Proprietário

Diz Paulo: “todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na Sua morte” (Rom. 6:3.). O que o apóstolo tem em mente aqui é que esta experiência de ser “batizado em Jesus Cristo” significa tornar-se propriedade de Jesus Cristo. Conseqüentemente tôdas as nossas velhas vassalagens são esquecidas, todos os laços com o anterior proprietário são desfeitos, e o nôvo cristão batizado está “sob nova gerência.” O batismo, assim, significa a renúncia de todos os laços com a velha vida de pecado; “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez nôvo” (II Cor. 5:17), e somos agora propriedade do Redentor. A vida do crente está unida em uma tão íntima relação com Cristo que os dois se tornam um nos laços de unidade espiritual.

Batismo Significa Ligação Vital com Cristo

Um exame das palavras usadas por Cristo na comissão evangélica, registada em S. Mateus 28:19, revela as palavras “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.” Praticamente a mesma expressão foi empregada por Pedro em seu sermão no Dia de Pentecostes, quando disse ao povo: “arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo” (Atos 2:38). O nôvo converso e crente batizado abandona a família do pecado e é adotado na família de Deus por meio de Jesus Cristo, e conseqüentemente recebe um nôvo nome que significa uma real e permanente união com seu Senhor remidor. Paulo declara que os que são batizados em nome de Cristo se revestiram de Cristo (Gál. 3:27). Isto é uma indicação da relação íntima que advém

com a adoção do nome *cristão*. Bem disse Ellen G. White: "Se somos fiéis ao nosso voto, abrese-nos uma porta de comunicação com o Céu — porta que nenhuma mão humana nem instrumentalidade satânica pode fechar". — *The SDA Bible Commentary*, Comentários sobre Rom. 6:3, pág. 1075.

O Batismo Significa Fé em Cristo

Um dos pré-requisitos importantes para o batismo é uma permanente fé em Jesus Cristo e Sua ampla aceitação como nosso Salvador pessoal. O batismo é a manifestação externa da fé do crente na morte propiciatória de Cristo. Note-se que Jesus Se referiu à necessidade de a crença preceder ao batismo, ao dizer: "Quem crer e fôr batizado, será salvo" (S. Mar. 16:16). Os que aceitam o evangelho revelarão isto de duas maneiras: pela fé em Jesus e pelo rito do batismo. A primeira é uma profunda, íntima e pessoal aceitação do sacrifício vicário e propiciatório de Cristo pela salvação do homem. O segundo é um sinal para o mundo, da transformação interna que essa transformação produz. S. João 3:16; Atos 2:38 e Atos 16:30 e 31 mostram, todos, a ligação entre o crente e a salvação.

O Batismo Significa Arrependimento

Pedro, em seu sermão pentecostal, comoveu o coração de seus ouvintes, que perguntaram: "Que faremos?" Sua resposta continha ações: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado." Notai, na ordem apresentada aqui, que o arrependimento precede o batismo. Este era o lema da pregação inicial evangélica: "Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos Céus" (S. Mat. 3:2). Depois do ministério de João, Cristo pregou a mesma doutrina do arrependimento. Em verdade, durante todo o período da igreja primitiva, o arrependimento era o âmago da pregação dos apóstolos. O batismo, portanto, é um sinal externo do verdadeiro arrependimento do pecado e a manifestação de um desejo íntimo de ser purificado. Ellen G. White sugere que o arrependimento seja um indispensável precursor do batismo. Diz ela: "A convicção se apodera do espírito e do coração. O pecador tem, então, uma intuição da justiça de Jeová e experimenta horror ante a idéia de aparecer, em sua própria culpa e impureza, perante o Perscrutador dos corações. Vê o amor de Deus, a beleza da santidade, o gozo da pureza; anseia por ser purificado na comunhão do Céu." — *Vereda de Cristo* (ed. encadernada), pág. 32. Davi revelou os mesmos pensamentos, em sua oração: "Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim" (Sal. 51:3). "Purifica-me com hissope, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve." (v. 7).

O Batismo Significa Morte e Sepultamento

Um dos vários aspectos revelantes do batismo cristão é ser um memorial da morte expiatória de Cristo no Calvário. Paulo esclarece mais o simbolismo em Romanos 6:3, ao dizer: "Não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na Sua morte?" Para Paulo, isso era a significação central do batismo — primeiro, era um símbolo da morte de Cristo e, segundo, era um símbolo apropriado da renúncia do crente à sua vida anterior, sua morte para o pecado. Reforça êle essa convicção, ao dizer: "As coisas velhas já passaram" (II Cor. 5:17).

Assim como Cristo foi crucificado e experimentou a morte amplamente e completamente ao fazer no sepulcro, também o rito do batismo significa a crucifixão da velha vida e sua morte completa. Não apenas é o batismo uma morte mas também um sepultamento. Diz Paulo que somos "sepultados com Êle no batismo" (Col. 2:12). Na esfera física, o sepultamento se segue à morte do homem; assim, no mundo espiritual, diz-se do crente que vai para a sepultura de água, para sepultar ali a vida anterior, que passou com a aceitação de Cristo. O simbolismo aqui é bem escolhido pelo apóstolo, pois na morte física o procedimento normal é ser descido ao sepulcro, com a face para cima, e ser coberto inteiramente com terra. Na morte espiritual, como representa a figura do batismo, o crente é descido á água com a face para cima e imerso completamente.

O Batismo Significa a Entrada numa Vida Nova

Aqui, o simbolismo que está ligado ao ponto anterior completa a figura. Não apenas somos sepultados com Cristo no batismo, mas "como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós, também, em novidade de vida" (Rom. 6:4). Esta nova vida representa um mais elevado nível da experiência humana em que novos valores e desejos substituem os anteriores desejos pecaminosos. Tornamo-nos "participantes da natureza divina" (II S. Ped. 1:4) Porque ao aceitar a Cristo nos foi concedido o poder de sermos feitos filhos de Deus (S. João 1:12). A força ativante que está por trás desta nova vida é revelada por Paulo em Gálatas 2:20, onde diz: "E a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim."

Finalmente, o crente recém-batizado que "ressuscita com Cristo" do sepulcro de água revelará isto por seu desejo de "buscar as coisas que são de cima," e mostrará a sua afeição pelas "coisas que são de cima, e não nas que são da Terra." Atua agora um novo poder.

(Continua na pág. 13)



A Vida Devocional do Obreiro Cristão

JOÃO TABUENCA

Professor de Bíblia no Colégio de Chilan, Chile



A RAINHA Isabel II da Inglaterra, numa ocasião em que se celebrava o Domingo da Juventude da Comunidade, disse: "Vocês que neste momento ouvem minhas palavras, têm em suas mãos o futuro deste mundo atribulado. Jamais houve época em que tanto se ofe-

cesse à juventude, nem que tanto dessa se exigisse. Ser jovem em 1961 é um desafio" (*El Mercurio*, Santiago, 15-5-1961).

Esta declaração, juntamente com a de J. Nehru, primeiro ministro da Índia, ao conversar em Moscou com seu colega Nikita Krushev, depois das reuniões de Iugoslávia, afligido com a situação mundial, disse: "É estranho que quando o homem tem o poder de melhorar a sorte da humanidade e de abrir as portas do progresso, desça sobre nós o fantasma da guerra. Não posso compreender por que o homem tenha que agir desta forma" (*Idem*, 8-9-1961).

Nós, ministros de Deus, embora não o compreendamos, sabemos contudo dar uma razão bíblica deste estado de coisas. Se estas duas personalidades de fama e peso mundiais se expressam dessa maneira, ao perceberem as angustiosas condições atuais de nosso mundo, que diremos nós? A resposta está à mão: "O tempo presente é de interesse preponderante para todos os viventes. Os governantes e estadistas, homens que ocupam posição de confiança e autoridade, as pessoas pensantes de tôdas as classes, têm a atenção fixa nos acontecimentos que ocorrem em nosso redor. Estão vigiando as relações existentes entre as nações. Observam a intensidade que se está apossando de todo elemento terrestre, e reconhecerem que alguma coisa grandiosa e decisiva está para ocorrer, que o mundo está às bordas de uma crise estupenda." (*Evangelismo*, pág. 194). Não estamos em trevas para que sejamos surpreendidos por estas coisas. Conhecemos o tempo. (I Tess. 5:4-6; Rom. 13:11). A ignorância não desculpa a ninguém e menos ainda aos ministros de Deus.

"A ignorância não escusará jovens nem velhos" (*O Conflito dos Séculos*, pág. 656). "Os que querem permanecer firmes nestes tempos de perigo devem compreender por si mesmos o testemunho das Escrituras" (*Idem*, pág. 616). "Examinai . . . é o conselho de Cristo (S. João 5:39). Examinai por vós mesmos as Escrituras a fim de compreender a tremenda solenidade da hora presente" (*Testemunhos Seletos*, Vol. I, pág. 189).

O ministro de Deus, antes de cuidar do próximo, deve cuidar de si mesmo, especialmente no que se refere à sua devoção pessoal. "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persiste nela, pois assim fazendo, salvarás a ti mesmo e aos que te ouvem" (I Tim. 4:16). "Far-nos-ia bem passar diariamente uma hora a refletir sobre a vida de Jesus. Deveremos tomá-la ponto por ponto, e deixar que a imaginação se apodere de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança n'Ele será mais constante, nosso amor vivificado, e seremos mais profundamente imbuídos de Seu espírito." (*O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 58). "Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disso vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: 'Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que tôda a minha obra se faça em Ti.'" (*Vereda de Cristo*, edição de bolso, pág. 67). Que poder extraordinário haveria no ministério, se cada obreiro na causa de Deus cumprisse fielmente estes conselhos!

Os hábitos de devoção pessoal deveriam estar relacionados com o estudo aprofundado da Bíblia e dos Testemunhos. A oração e a meditação, depois da inspiração recebida, deveriam ser a seiva vivificadora de nosso ser e o meio direto de união com o Céu, numa vida repleta de trabalho em um tempo de urgência. Jesus, o supremo exemplo, levava uma vida de devoção e de trabalho. Muitas vezes passava noites inteiras orando (S. Luc. 6:12). Lembremo-nos, caros companheiros,

de que "orando o céu se abriu" (S. Luc. 3:21) e da mesma maneira, hoje se torna a abrir.

Que espécie de devoção necessitamos hoje, quando constitui um desafio ser um ministro diante de tantas ameaças e de tanto pecado? Necessitamos buscar a Deus de todo o coração. "Buscar-me-eis, e Me achareis, quando me buscardes de todo o coração" (Jer. 29:13). "Necessita-se de oração, de oração muito fervorosa e sincera, como em agonia (*Testemunhos Seletos*, Vol. 3, págs. 386 e 387). "Quedai-vos diante de Deus até que se despertem vossos indizíveis anseios de salvação, até que a doce evidência do perdão de vossos pecados vos seja concedida" (*Estudos dos Testemunhos*, pág. 39). Jacó e Elias constituem modelos para os ministros de nossos dias. O primeiro negou-se a retirar-se da presença de Deus até ter a certeza de ser aceito por Ele (Gên. 32:26), e depois daquela memorável experiência Jacó se tornou um novo homem. E quão diferentes foram sua vida e seu ministério! Elias, o homem de fogo e poder (I Reis 18:24, 36-38) também soube por experiência pessoal o que era lutar com Deus e prevalecer. A serva de Deus, ao comentar a experiência destes homens, disse: "Fé semelhante é necessária no mundo hoje — fé que descance nas promessas da Palavra de Deus, e recuse desistir até que o Céu ouça. Fé semelhante a esta liga-nos intimamente com o Céu, e traz-nos força para batalhar com os poderes das trevas." (*Profetas e Reis*, pág. 157).

Se a experiência pessoal pode ser de inspiração para os companheiros, sinto-me animado a declarar que também "sei em quem tenho crido" (II Tim. 1:12), e assim como Jacó passou uma noite inteira lutando a sós com Deus até obter a vitória, em duas ocasiões em minha vida, eu também passei duas noites lutando a sós com meu Deus, e delas me lembro como sendo duas noites inesquecíveis em minha experiência cristã. Há triunfos que só se obtêm de joelhos, em oração, como em agonia diante de Deus. A devoção pessoal diária do obreiro é o que dá poder e nunca se deveria alterar este costume, este hábito de comunhão com Deus, especialmente nestes tempos em que tanto se exige do ministro que deseja triunfar em seu sagrado encargo.

A devoção pessoal e diária do obreiro dá asas ao ministério. O profeta Jeremias passou por uma maravilhosa experiência: "Porque desde que falo, grito; clamo: Violência e destruição; porque se tornou a palavra do Senhor um opróbrio para mim, e um ludíbrio todo o dia. Então disse eu: Não me lembrarei d'Ele, e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; e estou fatigado de sofrer, e não posso." (Jer. 20:8 e 9). E mais adiante acrescenta: "Mas o Senhor está comigo como um valente terrível" (vers. 11).

Muitas vezes tenho pensado nesta experiência. Estudei as circunstâncias nas quais o profeta teve que agir. Procurei encontrar onde residia o segredo de seu triunfo e o descobri em Jer. 15:16: "Achando-se as Tuas palavras, logo as comi, e a Tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração; porque pelo Teu nome me chamo, ó Senhor, Deus dos Exércitos."

Aqui está o segredo do fogo santo em nosso ministério, capaz de enfrentar as mais severas exigências e darnos as maiores alegrias de nossa vida no serviço de Deus. Este é o segredo das conversões milagrosas e das vitórias do Evangelho. Este é o remédio para as tristezas e duras provas que, muitas vezes, temos que enfrentar. E então, sob o calor da presença de Deus e quando a mente e o coração se tenham alargado, surge Deus em nossa vida e em nosso ministério como "um valente terrível". Esta é a espécie de comunhão que necessitamos possuir. Oro a Deus para que se possa dizer de cada um de nós, o que se disse de Gideão: "O Senhor é contigo, varão esforçado" (Jos. 6:12).

O BATISMO

(Continuação da pág. 6)

Neander disse: "O batismo infantil não foi estabelecido nem por Cristo nem por Seus apóstolos. Mesmo nos mais remotos tempos. Tertuliano se opôs a isto, a igreja norte-africana sustentava a velha prática." — Kitto, *Cyclopaedia*, 1:287.

A Bíblia reconhece o batismo de adultos e por imersão. Nenhuma outra espécie de batismo tem a sanção d'Aquele que nos ordenou o batismo. Cristo mesmo foi batizado por imersão, deixando-nos o exemplo para que sigamos as suas pegadas.

A SIGNIFICAÇÃO DO BATISMO

(Continuação da pág. 11)

"Mediante o poder de Cristo homens e mulheres têm quebrado a cadeia do hábito pecaminoso. Têm renunciado ao egoísmo, o profano tem-se tornado reverente; o bêbado, sóbrio; o perverso, puro. Almas que tinham estampa em si a semelhança de Satanás, têm-se transformado à imagem de Deus. Essa transformação é em si o milagre dos milagres. Uma mudança operada pela palavra, é um dos mais profundos mistérios da mesma Palavra. Não podemos compreender isto; somente podemos crer, conforme declaram as Escrituras, que é 'Cristo em vós, esperança da glória!'" — *Atos dos Apóstolos*, pág. 476.

A Espôsa do Pastor

M. A. NIGRI



EIS um assunto inesgotável, que bem pode ser considerado sob vários aspectos.

A espôsa do pastor é responsável pelos dons que possui e conforme a irmã White opina, somos inclinados a pensar: que ser espôsa de pastor é um talento em si, pois ela disse: “Repou-

sa sôbre a mulher do ministro uma responsabilidade a que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há de requerer dela o talento que lhe foi emprestado, com usura. Cumpre-lhe trabalhar fiel e zelosamente em conjunto com o marido para salvar almas. (*Obreiros Evangélicos*, pág. 198)

Uma espôsa de pastor deve, portanto, proceder com cautela para descobrir qual é o seu lugar e quais as suas responsabilidades.

Conta-se que mais de um pastor já foi rejeitado, para assumir maiores responsabilidades, por causa de sua espôsa. Se isto fôr verdade, então cada espôsa deveria examinar-se a si mesma para saber se representa uma parte ativa ou passiva na vida de seu espôso.

“A espôsa do ministro pode fazer muito, se quer. Se fôr dotada de espírito de sacrifício e tiver amor pelas almas, poderá fazer com êle outro tanto de bem.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 197)

Amparada pelo poder de Deus, ela serve de refrigério ao marido, fornecendo-lhe, dia a dia, o necessário estímulo para o trabalho. Se êle é o sacerdote da família, ela é sua coadjutora. Ela participa do labor pastoral, talvez encobertamente. Ela é vista em tôda parte da igreja onde há alguma coisa a ser feita.

Lemos no excelente livro da irmã White, que está sendo traduzido, “*The Adventist Home*” — *O Lar Adventista*, na página 231, o seguinte: “A mulher devia preencher a posição que Deus originalmente designou para ela — igual a do marido . . . Podemos dizer, sem errar, que os deveres da mulher são mais sagrados, mais santos do que os do homem”. E na página 139 de *Testemunhos* Vol. I, “Uma espôsa não santificada é a maior maldição que um ministro pode ter”. São palavras deveras duras, mas sendo que depende de nós sermos uma bênção ou u’a maldição, vamos no te-

mor de Deus nos esforçar e estudar como nos tornarmos uma bênção, cada vez maior, para o nosso marido, filhos e os demais que nos rodeiam.

A espôsa do pastor deve reconhecer a grande influência que ela exerce sôbre todos, e, particularmente, sôbre o seu marido. É ela que reveste seu espôso de certo poder e prestígio. Também ela serve de molde para a igreja e ao mundo que a rodeia.

Disse alguém: “É difícil ser espôsa de pastor”, entretanto sabemos que nada é difícil para quem se apoia em Deus.

Lemos em “*Obreiros Evangélicos*”, na página 198 e 199: “As espôsas dos ministros devem viver uma vida devota e de oração. Se tão sômente se apoiassem confiantemente, em Deus e concentrassem em Jesus suas afeições, recebendo sua vida de Cristo, a videira viva, que soma de bem não poderiam elas realizar, que auxílio poderiam ser a outros, que apoio para seus maridos! E que recompensa não seria a sua afinal! Bem está serva boa e fiel, — havia de lhes soar qual música dulcíssima aos ouvidos. As palavras: ‘Entra no gozo do teu Senhor’ — Pagá-las-iam mil vèzes de todos os sofrimentos e provações suportadas para salvar preciosas almas”.

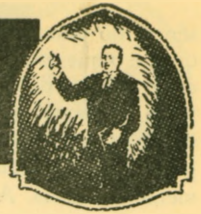
“A espôsa de pastor pode-lhe ser um grande auxílio em procurar tornar-lhe leves as responsabilidades” ao participar com êle nos trabalhos da igreja. A espôsa do pastor deve saber fazer amizades. Ela não deve falar demais. Não expressar os seus desejos com ênfase, pois entrará em choque com outros. Não dar a impressão que domina seu espôso. Não dar opinião sem ser solicitada. Não contar o que lhe confiam quando vêm buscar seu conselho e sua ajuda. Não contar o que se passa em seu lar.

Deve animar o seu espôso quando êle se sente desanimado; consolá-lo quando abatido e encorajá-lo a levantar os olhos e confiar plenamente em Deus quando sua fé vacilar.

Deve ser tudo para todos e sentir-se bem, tanto em companhia de pessoas cultas, como de incultas; de ricos, como de pobres.

Deve lembrar-se de que não é a “grande dama da igreja” mas que foi posta ali para “servir e não para ser servida”.

(Continua na pág. 24)



BÊNÇÃOS de DEUS Sôbre VALDÍVIA

VALTER CAMERON

NO domingo 4 de março de 1962, teve lugar o último dos quatro batismos, precisamente antes que o pastor Salim Japas, que dirigiu esta campanha, regressasse a Buenos Aires. Um total de 81 almas foram incorporadas à igreja de Valdivia nestes últimos cinco meses. A campanha iniciou-se a 7 de outubro de 1961, aproveitando a inauguração do nôvo templo, construído à avenida mas importante da cidade. Neste primeiro ato estiveram presentes as principais autoridades municipais e da província, como também um público distinto e numeroso. A Rádio Baqueano transmitiu a inauguração e a primeira conferência proferida pelo pastor Japas sôbre o tema: O Segredo da Felicidade.

Milhares de pessoas ouviram em seus lares a irradiação e quem sabe, pela primeira vez em sua vida, ouviram a palavra "adventista". À guisa de informação e para animar meus companheiros no ministério, apresentarei esquemáticamente, os passos técnicos seguidos. Com a bênção de Deus, o método empregado permitiu alcançar muitas almas com a mensagem. Temos a consciencia de que as 81 pessoas agregadas nas fileiras da verdade assinalam o começo de uma colheita muito mais abundante num futuro próximo. Nosso alvo pretende alcançar 200 almas até 31 de dezembro dêste ano. Pois bem, foram dados os seguintes passos:

A. — A equipe evangelística se constituiu do pastor Salim Japas, evangelista, e dos irmãos A. Gutiérrez, G. Velásquez, Brunilda Grimal e o autor destas linhas, instrutores bíblicos. Ao publicar-se êstes informes, a equipe estará reduzida a três obreiros.

B. — Os trabalhos anteriores ao ciclo das conferências constituíram-se em:

1. Relações públicas com as autoridades civis, religiosas e especialmente jornalísticas.

Isto nos facilitou sobremodo a tarefa, visto como único jornal diário local publicou gratuitamente 560 centímetros-coluna de crônicas, e as

radioemissoras locais — quatro ao todo — nos obsequiaram com 35 horas completas de transmissão das conferências, dos números do coral, etc.

2. Pesquisa Bigral (Associação Chilena de Bem-estar Integral), que nos permitiu localizar apreciável quantidade de pessoas com inquietações religiosas.

C. — A pregação do púlpito teve o seguinte roteiro:

1. Seis conferências introdutórias, preparadas com o objetivo de ganhar o favor do público, quebrar preconceitos e prestigiar nossa organização.

2. Três conferências antecedentes aos temas bíblicos, cujos títulos foram:

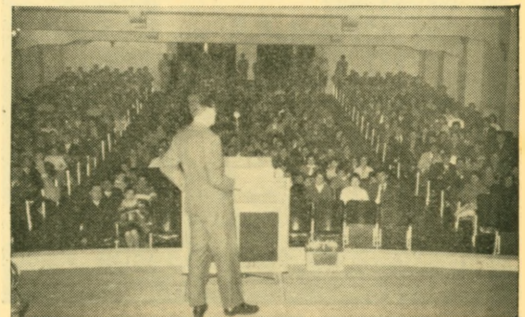
Introdução ao Livro de Apocalipse

Introdução ao Livro de Daniel

Introdução Geral das Escrituras

3. Finalmente proferiram-se as conferências que constituíram autêntico curso bíblico de 16 lições sôbre o tema geral "As Profecias Descerram o Véu do Futuro". Inscreveram-se 600 alunos, dos quais 132 assistiram a 80% das aulas e aos quais se conferiu certificado de frequência.

D. — Curso de recapitulação, realizado na au-



Flagrante da conferência realizada no Teatro Cervantes, em Valdivia, Argentina.

sência do pastor Japas. O irmão Gilberto Velasquez e o que esta subscreve continuaram com um curso bíblico da recapitulação de 15 lições, três vezes por semana, como se fizera no transcurso das reuniões anteriores. Para surpresa nossa, a proporção de freqüência do público foi praticamente a mesma. A mensagem os havia conquistado. Conseguira-se transferir, com inteiro êxito, o afeto pelo orador ao afeto pela mensagem.

E. — Foram proferidas mais quatro conferências introdutórias destinadas a captar o interesse dos elementos que vieram posteriormente. Estas estiveram a cargo do pastor Japas. Iniciou-se imediatamente o segundo curso bíblico complementar de 12 lições. Anotaram-se 440 pessoas das quais 137 compareceram a um mínimo de 9 aulas, e às quais se entregou o respectivo certificado.

F. — Miscelânea. Graças a Deus contamos com a ajuda dos corais de Temuco e Concepción e do quarteto desta última cidade. Igualmente contamos com visitas esporádicas de obreiros da Divisão, da União e da Associação, que significaram grande contribuição para a edificação dos novos crentes.

São lisongeiras as atuais perspectivas. Fêz-se abundante sementeira, e esperamos que a colheita também o seja. O alvo de 200 batismos até 31 de dezembro não parece utópico.

Com esta campanha evangelística, a cidade de Valdivia que fôra sacudida pelos abalos sísmicos de 1960, atualmente está madura para a sega, e nos apercebemos de que o Espírito de Deus está operando maravilhosamente nestes últimos tempos. Reconhecemos que devemos "trabalhar enquanto é dia; vem a noite quando ninguém pode trabalhar".



Grupo parcial de pessoas batizadas, como frutos da campanha evangelística em Valdivia.

se unir de maneira integral e sem reservas ao movimento de Deus.

3. Que Atitude Devemos Tomar Quando um Candidato ao Batismo diz: "Se eu não Fôr Batizado pelo Pastor, Prefiro não me Batizar?"

Tal afirmação naturalmente desperte algumas dúvidas a respeito da idoneidade e maturidade do candidato que deseja o batismo. Com efeito, nestas palavras encontramos em catecúmeno revelando maior aprêço a um determinado pastor que ao próprio batismo.

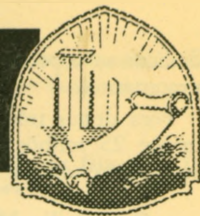
Não obstante, se o candidato revela estar cabalmente preparado para receber as bênçãos do batismo, sua preferência deveria ser respeitada.

4. Qual a Idade Mínima que se Deveria Estabelecer para o Batismo de Crianças?

Sem pretender responder de maneira conclusiva esta controversial indagação, reproduzimos do livro "Origin and Progress of Seventh-Day Adventists" um parágrafo que descreve uma experiência ocorrida no ministério do pastor James White, em 1844. Ei-la:

"Havia alguns na igreja que abrigavam sérias dúvidas quanto ao batismo de crianças e alguns procuravam até intimidar a êstes cordeirinhos do rebanho." Que espécie de experiência crê o Sr. White têm êstes bebês?", perguntou um austero ministro batista. O amplo edifício escolar estava repleto, e êstes ministros opositores estavam ali para observar o procedimento. O pastor White tinha alguns assentos vazios em frente ao púlpito, e em resposta ao seu apêlo 12 crianças cuja idade oscilava entre os 7 e 15 anos vieram para ocupá-los. Ele escolheu como texto as palavras: "Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino." As crianças foram animadas e consoladas com a pregação, e ao finalizar se levantaram uma após outra, e contestando as perguntas que lhes foram dirigidas, deram evidências de uma experiência cristã clara e inteligente. Quando se perguntou se alguém dentre os presentes se opunha ao batismo, ninguém se levantou. As crianças foram conduzidas à tumba líquida e depois apresentadas aos seus pais, enquanto um sorriso de gozo se desenhava em suas faces jovens." págs. 318 e 319.

Êstes e outros problemas relacionados com a instituição do batismo exigem sabedoria, prudência e a iluminação do alto. Ao defrontá-los, em nosso ministério, busquemos de joelhos a solução indicada para cada caso, considerando sempre o infinito preço de uma suplicante alma.



O MOVIMENTO ECUMÊNICO, Sua História e Seu Significado — I

WERNER VYHMEISTER

Professor de Bíblia no Colégio Adventista do Prata



APRESENTAMOS a seguir, bem sintetizados, alguns aspectos do mais significativo movimento eclesialístico de nosso século. Apesar das limitações de espaço, procuramos não omitir nenhum elemento funda-

mental. O preparo destes artigos concluiu-se em fins de fevereiro do ano em curso. Esperamos que cada missionário adventista se sinta estimulado a prosseguir, por sua própria iniciativa, o desenvolvimento posterior deste grande movimento.

A partir da Reforma o protestantismo propendeu a dividir-se e subdividir-se. Hoje, somente nos Estados Unidos, há mais de duzentas denominações. Em fins do século XIX, era difícil imaginar-se como o "falso profeta" de Apoc. 16:13, ou a "imagem da besta" de Apoc. 13:15, pudessem representar um protestantismo tão subdividido. Foi então que a Sra. White escreveu: "Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a infligção de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável."¹

Movimentos Precursores

No decurso de mais de um século vinha o mundo protestante preparando-se para o movimento ecumênico do século XX. Já em 1794 organizava-se em Londres a primeira sociedade missionária interdenominacional (Sociedade Missionária de Londres). Também em Londres se fundaram a Sociedade de Tratados Religiosos, in-

terdenominacional, em 1799, e a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, em 1804. Em 1816, funda-se nos Estados Unidos a Sociedade Bíblica Americana. Em 1844, Jorge Williams cria em Londres a Associação Cristã de Moços (YMCA). Estes são apenas alguns dos movimentos precursores.

Movimentos de Unificação nos Estados Unidos

Em 1908 organizou-se nos Estados Unidos o Concílio Federal das Igrejas de Cristo na América, que em 1918 já contava com o apoio de 30 denominações. Seu objetivo era de conselho, sem funções legislativas nem judiciais.

Em 1950 o Concílio Federal se transformou em Concílio Nacional de Igrejas de Cristo ao fundir-se com a Conferência Missionária da América do Norte e outros seis organismos interdenominacionais. O Concílio Nacional agrupa presentemente 33 corporações religiosas, com uma coletividade de 40 milhões de membros. Este organismo integra entre outros: batistas, metodistas, presbiterianos, *quaquers*, episcopais e ortodoxos gregos.

Embora o Concílio Nacional das Igrejas seja o mais poderoso agrupamento não católico, não é, contudo, o único. Em 1942 organizou-se a Associação Nacional dos Evangélicos como protesto contra a teologia predominantemente liberal do Concílio Federal das Igrejas. Conta com 41 denominações que agrupam uns 10 milhões de membros. Constitui hoje a parte protestante conservadora do Concílio Nacional das Igrejas. Um de seus membros mais destacados é o evangelista Billy Graham.

Uma organização menor, presentemente em franca decadência, é o Concílio Americano das Igrejas Cristãs. Fundado por Carlos Mc Intire

dedicou-se especialmente a combater os demais protestantes.

Fora destas três organizações, há aproximadamente 25 milhões de protestantes que mantêm sua independência denominacional.

O Concílio Missionário Internacional

O século XIX foi o grande século das missões protestantes. Várias igrejas, ao trabalharem nos mesmos campos missionários, tinham os mesmos problemas (tradução e produção de publicações, relações com os governos, etc.), e iniciaram espontaneamente várias empresas de cooperação. Isto ocorreu, por exemplo, na Índia, no Japão e na China. Pouco depois, as juntas e sociedades missionárias seguiram este exemplo tanto na Europa como nos Estados Unidos. Isto determinou a celebração da famosa Conferência de Edimburgo em 1910, que logrou unir várias denominações no esforço missionário. Depois desta conferência instituíram-se numerosos concílios missionários nacionais ou regionais. Em 1921, o movimento culminou com a criação do Concílio Missionário Internacional. Este foi um dos três mais importantes movimentos que intervieram na evolução do movimento ecumênico.

O Concílio Mundial das Igrejas

No mesmo ano de 1910, quando se realizou a Conferência de Edimburgo, a Convenção Geral da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos inaugurava um movimento tendente a uma conferência mundial de Fé e Ordem (doutrina e organização eclesiástica). A maioria das igrejas protestantes norte-americanas apoiou a iniciativa. Também se abteve apoio da Grã Bretanha, contudo a Primeira Guerra Mundial interrompeu as negociações. Finalmente, em 1927 realizou-se em Lausane, Suíça, a primeira conferência mundial de Fé e Ordem. Em 1937 celebrou-se o segundo concílio em Edimburgo, Escócia. Os debates e os documentos posteriormente publicados deixaram claro que as principais igrejas do mundo criam haver chegado o momento de se associarem numa grande organização internacional.

Paralelamente à criação do Concílio Missionário Internacional e às conferências sobre Fé e Ordem, surge um terceiro movimento de unificação mundial: Vida e Obra. Seu propósito era conseguir unidade de ação crescente nas igrejas na aplicação de normas de vida cristã no mundo político, social e econômico. Depois da Primeira Guerra Mundial, os múltiplos problemas sociais motivaram uma conferência mundial em Estocolmo, em 1925. Em 1937 celebrou-se em Oxford, Inglaterra, a segunda conferência mundial de Vida e Obra. Da mesma forma que a conferência sobre Fé e Ordem que se celebrou nesse mesmo

ano em Edimburgo, o concílio de Vida e Obra trouxe para as igrejas o pensamento de que a solução dos problemas mundiais exigia uma unidade maior a fim de tornar possível uma ação coordenada.

As comissões que prosseguiram trabalhando após a conferência de Edimburgo, em 1937, elaboraram um anteprojeto de estatutos para um Concílio Mundial de Igrejas impediu a reunião da assembléia constituinte dessa organização. Apesar disso constituiu-se uma comissão provisória que trabalhou em Genebra durante a guerra.

Em 1948 instituiu-se formalmente em Amsterdão, Holanda, o Concílio Mundial das Igrejas (*World Council of Churches — WCC*). O Concílio incorporou as duas organizações interdenominacionais que conceberam sua criação: Movimentos de Fé e Ordem, e Vida e Obra, e definiu-se a si mesmo no artigo 1º de seus estatutos dessa forma: "O Concílio Mundial das Igrejas é uma comunidade de igrejas que aceitam a Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador".

Em agosto de 1954, realizou-se a Segunda Assembléia do Concílio Mundial de Igrejas em Evanston, Illinois, Estados Unidos. No término das sessões, o secretário geral do Concílio, Willen Adolf Visser't Hooft, resumiu os resultados das mesmas dizendo em essência: "Demos os passos preliminares para a unidade, fomos apresentados uns aos outros. . . . Agora, se temos que avançar mais para o alvo da genuína unidade devemos ter certa medida de unidade doutrinária a fim de propiciar verdadeiros progressos em direção da unidade da cristandade".²

A sugestão do secretário geral foi aceita e redundou em reuniões anuais de Fé e Ordem que se realizam desde 1955.

A Terceira Assembléia do Concílio Mundial realizou-se em Nova Delhi, Índia, de 18 de novembro a 6 de dezembro de 1961. O primeiro ato histórico da Assembléia foi a fusão com o Concílio Missionário Internacional. Desta maneira integraram-se no Concílio Mundial os três organismos que preparam o caminho para a sua formação. (Os outros dois são, segundo dissemos acima, os movimentos Vida e Obra e Fé e Ordem.)

No dia seguinte, aceitaram-se 23 novas igrejas, o que eleva o total de igrejas membros a 197. Destas, duas são igrejas pentecostais do Chile. Contudo, a incorporação mais significativa foi a de quatro igrejas ortodoxas da Europa Oriental: Rússia, Bulgária, Romênia e Polônia, que representam uns 70 milhões de membros. Assim, quase todas as igrejas ortodoxas acham-se presentemente associadas ao Concílio Mundial.

Entre as considerações e acordos da Terceira Assembléia podemos destacar os seguintes:

1. Nova ênfase sôbre a Bíblia e a Trindade. Comparando-se o artigo 1º dos estatutos aprovados em 1948 com a redação aceita em Nova Delhi, enuncia-se: "O Concílio Mundial das Igrejas é uma comunidade de igrejas que confessam ao Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador segundo as Escrituras e que, portanto, tratam de cumprir juntas sua vocação comum, para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo".

2. Insistiu-se em que as igrejas devam encabeçar a "luta contra os abusos sociais" e trabalharem "em prol da justiça social e da paz".³

3. Fêz-se vigoroso apêlo em favor da liberdade religiosa.

4. Ressaltou-se que as igrejas deveriam contar cada vez mais com a ajuda dos leigos em seu programa de difusão do cristianismo.

5. Talvez o que houve de mais significativo foi o debate do problema da consecução da verdadeira unidade entre as igrejas cristãs. Afirmou-se que o "evangelho não pode ser proclamado ao mundo, com autoridade, por uma igreja dividida".⁴ Descreveu-se em seguida a unidade desejada como *unidade visível* para a qual todos os "que são batizados em Jesus Cristo e O confessam como Senhor e Salvador" devem ser "trazidos pelo Espírito Santo a uma comunhão plena, unidos em oração comum, e tendo uma vida corporativa que se expresse num testemunho e serviço em favor de todos, e que estejam, ao mesmo tempo, unidos com tôda a comunhão cristã em todos os lugares e em todos os tempos, de maneira tal que tanto ministros como membros sejam aceitos por todos, e que todos possam atuar e falar juntos quando a ocasião o requeira em relação com as tarefas para as quais Deus chama seu povo".⁴

Porém ao mesmo tempo em que se apresenta o ideal admitiu-se francamente que há desacordo fundamental entre diferentes igrejas membros sôbre vários pontos, principalmente o batismo, Bíblia e tradição, Santa Ceia e natureza do ministério (pastorado, episcopado, etc.). Estes pontos de divergência tornam-se mais sérios em vista da grande representação ortodoxa e também das igrejas anglicanas, que insistem na necessidade de uma sucessão apostólica e de uma forma episcopal de govêrno eclesiástico.

O concílio anterior firmou a conclusão de que "o conseguimento da unidade pressupõe nada menos que a morte e o renascimento de muitas

formas de vida da igreja" que temos conhecido. "Cremos, diz-se, que nada que custe menos poderá finalmente bastar."⁵

Crescente Tendência à Fusão de Diversas Denominações

Não tem havido apenas uma aproximação geral entre as várias denominações. Produziram-se também uniões orgânicas (fusões completas) entre igrejas da mesma família ou de origem diferente. Desde 1910 até 1857, por exemplo, produziram-se 26 uniões orgânicas entre igrejas de origem similar. Sessenta e seis denominações reduziram-se a 26. Aproximadamente no mesmo período realizaram-se 14 fusões entre denominações completamente diferentes. Neste caso, 43 denominações reduziram-se a 14. Estas fusões realizaram-se, entre outros países, na Índia, na China, África Ocidental, Rodésia, Escócia, França, Guatemala, México e Estados Unidos. A tendência à unidade é total.

Em dezembro de 1960, o Dr. Eugênio Carson Balke, principal oficial executivo da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos, propôs que se unissem 4 das principais igrejas protestantes dos Estados Unidos: a Metodista (9,9 milhões de membros), Protestante Episcopal (3,4 milhões), Presbiteriana Unida (3,3 milhões) e Unida de Cristo (2,3 milhões). Explicou que esta união seria o primeiro passo para a união final de todos os cristãos, incluindo os católicos.⁶ É interessante notar que em meados de maio de 1961, a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Unida elegeu moderador a um leigo que apoia abertamente a posição do Dr. Blake. O plano será discutido em todos os seus alcances por representantes das quatro igrejas, de 9 a 10 de abril de 1962 em Washington, D. C. o ambiente parece ser altamente favorável.

1. Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, pág. 480.

2. F. D. Nichol, *The Idea of Church Unity Grows*, na *Review and Herald*, de 24 de outubro de 1957, pág. 16.

3. W. L. Emmerson, *The Days Ahead*, na *Review and Herald*, de 11 de março de 1962, pág. 4. (Ver "The Ecumenical Century" no *Time*, de 8 de dezembro de 1961, pág. 60).

4. *Ibidem*.

5. Emmerson, *op. cit.* pág. 5. (Cf. "The Ecumenical Century", *op. cit.* pág. 61).

6. "On Religious Front", *Review and Herald*, 19 de janeiro de 1961, pág. 2.

7. "Merger Mapping", *Christianity Today*, 2 de fevereiro de 1962, pág. 34.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O SÁBADO e a LEI MORAL

pergunta 16

O mundo cristão em geral sustenta (1) que a lei moral é eterna e não foi abolida; (2) que o princípio do sábado, baseado na semana da criação, especialmente na distinção de seis e mais um dias, separando-os por autoridade divina para propósitos diferentes — é da mesma forma permanente e eterno; (3) que o elemento tempo específico do sétimo dia é apenas cerimonial e típico e, conseqüentemente, temporário — sendo cumprido e abrogado por Cristo na cruz; e (4) que há uma clara continuidade entre o sábado dos tempos do Velho Testamento, baseado na criação, e o dia do Senhor do Nôvo Testamento, baseado na redenção, sendo o repouso da redenção superior ao repouso da criação. Qual é a posição dos adventistas do sétimo dia a respeito destes quatro pontos?

Os adventistas do sétimo dia estão de pleno acôrdo com o ponto 1 — que a lei moral é eterna pela sua própria natureza e não foi ab-rogada. Cremos que estes princípios eternamente morais são imutáveis. Cremos ainda que estes princípios básicos se encontram no Decálogo — os Dez Mandamentos, ou a lei moral.

Creemos que a lei moral em sua forma original, embora as palavras não tenham sido registradas, encontra expressão inteligente nos princípios apresentados por Jesus — amar a Deus supremamente e ao próximo como nós mesmos. Estes princípios originais são o fundamento do trono de Deus, e a lei eterna de Seu generoso govêrno moral.

Creemos também que é a lei moral — o Decálogo — que revela o pecado: “Pela lei vem o conhecimento do pecado” (Rom. 3:20); “Onde não há lei, não há transgressão” (Rom. 4:15); “Eu não teria conhecido o pecado se não houvesse lei” (Rom. 7:7); e “Todo o que comete pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei” (I S. João 3:4).

Foi a entrada do pecado no Éden, a transgressão da lei divina, que tornou necessário o plano

da redenção. Por causa do pecado do homem o Salvador precisou morrer uma morte expiatória e vicária no Calvário; para salvar o homem perdido. Por conseguinte, a lei moral e o evangelho acham-se inseparavelmente relacionados. Uma revela o pecado; o outro, o Redentor que salva do pecado.

Estamos também de acôrdo com a maior parte do ponto 2 — de que o sábado nos vem da semana da criação, e é igualmente permanente e eterno. A expressão “seis e mais um dias”, da qual discordamos, será estudada posteriormente. Contudo, na base do princípio fundamental do protestantismo de que a Bíblia é a única regra de fé e prática do cristão, cremos que a controvérsia do ponto 3 — de que, conquanto a natureza moral do sábado, como instituição, é permanente, seu elemento de tempo específico foi apenas cerimonial e temporário, e desta forma caducou na cruz — é inconsistente como argumento. Rejeitamos semelhantemente a implicação de que, embora o aspecto moral do sábado esteja firmemente baseado na criação, não o está seu elemento tempo.¹

Em parte alguma dos ensinamentos de Jesus encontramos qualquer declaração que afirme que este elemento tempo, ou “seis e mais um dias” (se nos podemos expressar assim) do mandamento do sábado haja sido mudado. Não encontramos qualquer controvérsia quanto à validade deste *sétimo dia* por parte de Jesus ou qualquer afrouxamento da obrigação do *sétimo dia*, ao contrário encontramos implícito reconhecimento de sua continuidade.

I — Pontos de Acôrdo e Diferença. — Crêem os adventistas que o sábado do sétimo dia — que “foi feito por causa do homem” (S. Mar. 2:27) — foi dado ao “homem” (i. é. à humanidade) no Éden, muito tempo antes que o povo judeu viesse a existir. E foi êle observado através de tôda a era patriarcal, muito tempo antes que fôsse

entregue ao antigo Israel, em custódia especial, em seguida ao seu êxodo do Egito.²

Creemos os princípios da lei moral, foram conhecidos do homem antes da Queda³, e posteriormente postos em forma escrito no Decálogo, em meio daquelas terríveis cenas do Sinai, proferido e escrito por Deus (Êxo. 19 e 20; 32:15 e 16). E cremos que quando Israel se tornou o povo do concerto especial de Deus, prometendo honrá-Lo guardando Seus mandamentos, o Decálogo foi dado como a base daquele concerto.

Discordamos, no entanto, do ponto 4, no que refere à "continuidade" — transferência da observância do sábado do sétimo dia para o festival da ressurreição, no primeiro dia da semana. Creemos que a base de ambas as observâncias é totalmente diferente: o primeiro era para comemorar o repouso do Criador, o segundo para comemorar a ressurreição de nosso Senhor.

Discordamos da sugestão de que o sábado do sétimo dia do Velho Testamento tenha apenas significado cerimonial, ou fôsse de alguma forma "cumprido e ab-rogado por Cristo," ou que a *sabaticidade* constitua aspecto "ab-rogado" ou "temporário" do permanente sábado do quarto mandamento.

Discordamos da mudança das palavras originais — os "seis dias" e o "sétimo dia" do quarto mandamento de Êxodo 20 — para a expressão não-bíblica "seis e mais um dias", ou mera proporção de tempo, pois para nós essa mudança de frase envolve uma mudança completa de intento, e com isto não podemos concordar.

Discordamos da proposição de que o Senhor Jesus transferiu a observância do último dia da semana para o primeiro a fim de, além do original "repouso da criação" apontar para um maior "repouso da redenção." Não encontramos nenhuma prova escriturística para sustentar essa pretensão.

2. Caráter Memorial e Não Cerimonial. — Todos os adventistas do sétimo dia, como criacionistas, crêem no relato do Gênesis sobre a criação (Gên. 1:1 a 2:2), compreendendo o sétimo dia como dia de repouso registrado e atestado por Deus, sendo o sábado dado como memorial perpétuo daquela criação, abençoado e santificado (colocado à parte) para o homem. O sábado te-

ve o seu início antes que o pecado entrasse no mundo (Gênesis 2 e 3), e foi dado para comemorar uma criação terminada. Se o pecado não houvesse entrado, todos teriam guardado o dia de sábado original.

Deus não fez o homem a fim de que ele guardasse o sábado (S. Mar. 2:27). Mas, havendo feito o homem, Ele deu-lhe o sábado como lembrete e memorial contínuo do maravilhoso poder do Criador. E embora o princípio do sábado inclua tanto o repouso físico como o espiritual, um memorial não pode ter interpretação espiritualizada e não pode desaparecer com o transcorrer do tempo.

Pelo fato de ter sido o sábado instituído na Criação, antes da entrada do pecado, tornou-se parte inseparável do plano original de Deus a Sua provisão para o homem. Não teve, pois, nenhum significado cerimonial, prefigurando alguma coisa por vir. Pelo contrário, sempre teve significação comemorativa, pois remonta a alguma coisa do passado já efetuada — a criação do mundo e da raça humana.

1. Alguns consideram o sábado uma instituição que tem que ver exclusivamente com os judeus. Os que insistem neste ponto pretendem que a versão que há no livro Deuterônimo do Decálogo realça o fato de que o sábado fôra dado unicamente aos hebreus, porque foram eles libertados da escravidão.

2. O silêncio da parte final do Gênesis sobre o sábado é compreensível quando se recorda que se deve levar em conta a familiaridade dos patriarcas com os mandamentos de Deus. O autor do relato histórico do Gênesis não julgou necessário mencionar isto em sua descrição de longo alcance dos séculos. Abraão, porém, guardou os mandamentos de Deus (Gên. 26:5) — a palavra hebraica aqui empregada para designar "mandamentos" é a mesma empregada para o Decálogo em Deut. 5:10 e 29. Kalisch menciona isto como sendo a lei escrita no coração do homem, e o *Pulpit Commentary* declara que a palavra significa "aquilo que é gravado em pedras." Abraão reconhecia a lei moral de Deus e a obediência. Se assim é, porque não incluir o sábado? A *Companion Bible*, em Gên. 26:5, dia que Abraão tinha instruções a serem observadas; mandamentos a serem obedecidos; estatutos (decretos) a serem reconhecidos; e leis (*Torah*) a serem cumpridas.

E durante a experiência no deserto, Deus provou Seu povo antigo quanto a andar ou não no caminho de Seus mandamentos (Êxo. 16:4). A prova versou sobre o assunto do sábado. Comparando-se Êxo. 16:1 com Êxo. 19:1 ver-se-á que isto ocorreu muitas semanas antes da promulgação do Decálogo. Eles, portanto, deviam ter conhecido não apenas a lei de Deus, mas também os mandamentos específicos nela contidos, como se evidência por esta referência ao sábado.

3. Ao ser criado, Adão não era contaminado pelo pecado. Deus "fez ao homem reto" (Ecles. 7:29). O homem foi criado "à imagem de Deus" (Gên. 1:27). Sendo assim, a lei moral devia estar escrita em seu coração.

A Imortalidade Inerente e a Igreja

A DOUTRINA da imortalidade condicional da alma é um dos ensinamentos básicos da Igreja Adventista desde seu início. Todavia, os escritores de nossa igreja se tem ocupado mais com o sábado, a segunda vinda e outras doutrinas. Nunca se fez um estudo a fundo. Dado que um dos grandes enganos dos últimos tempos tem que ver com o espiritismo e outros movimentos semelhantes, é muito importante que tenhamos um conhecimento muito mais profundo da doutrina da imortalidade.

O Dr. Laroy Edwin Froom, autor do conhecido jôgo de livros sôbre a história da interpretação profética, (*The Prophetic Faith of Our Fathers*), está realizando um estudo da doutrina da imortalidade. O primeiro volume de uma obra de dois volumes, intitulado *The Conditionalist Faith of Our Fathers* (A Fé de Nossos Pais na Imortalidade Condicional da Alma) se espera que esteja pronto em fins deste ano (1962). A seção dedicada ao espiritismo, extraída da grande obra, está para sair em brochura no inglês.

Um ano atrás tive a oportunidade de estudar esta matéria com o Dr. Froom no Seminário de Berrien Springs, Michigão, EE. UU. Além disso êle me convidou a ler os originais desta obra monumental, que para mim foi fascinante.

Uma parte da obra é dedicada ao estudo de todos os textos bíblicos que se referem à doutrina da natureza e destino do homem. A doutrina da imortalidade natural — declara o autor — começou com a primeira mentira: não “morrais” (Gên. 3:4), no jardim do Éden. Ligado à esta há outra no versículo seguinte: “Sereis como Deus”. Por outra parte, a Escritura ensina a vida sômente em Cristo, e a vida imortal está condicionada à ressurreição dos justos. Daí o emprêgo da palavra *condicional* no título da obra.

A outra parte da obra é dedicada ao estudo da história da doutrina. A idéia moderna da imor-

talidade natural da alma proveio principalmente da filosofia grega de platão. Por sua vez os filósofos gregos tomam êste conceito do panteísmo da Índia, o dualismo da Pérsia e a imortalidade natural do Egito. Estas idéias foram introduzidas na igreja cristã por Atenágoras em fins do século II D. C. e indiretamente por Filo, o filósofo judeu. Foi para mim uma surpresa saber que durante quase um século depois da época dos apóstolos, os escritores cristãos ainda criam na imortalidade condicional. A primeira vez que aparece a expressão “alma imortal” é no livro de Atenágoras, escrito cêrca do ano 177 D. C.

Orígenes é principalmente responsável da introdução de um terceiro conceito — a restauração universal, ou seja a salvação de toda a humanidade. Êstes três conceitos — um trilema teológico — e seu desenrolar, estão delineados através dos séculos de nossa era até o presente. Lutero e outros reformadores criam no sono dos mortos, porém Calvino se opôs enérgicamente. O movimento em favor da imortalidade condicional alcançou seu apogeu no século XIX, correndo paralelamente com o movimento adventista, embora sendo independente dêle. O Dr. Froom explica como foi introduzida esta doutrina em nossa igreja.

É de interêsse especial a seção dedicada ao século XX. Decorre algo surpreendente o grande número de escritores contemporâneos que estão de acôrdo conosco nesta doutrina. A análise do espiritismo, mormonismo, ciência cristã e outras doutrinas modernas, constituem uma valiosa ajuda para nossos evangelistas.

O que mais chamou minha atenção no estudo desta obra, foi a ênfase sôbre a fase positiva da vida em Cristo, o autor da vida. — *Roberto G. Wearner*, Professor de Bíblia do Instituto Adventista do Uruguai.

Miscelânea

ARNALDO B. CHRISTIANINI

Redator de O MINISTÉRIO ADVENTISTA



A IDÉIA DA IMORTALIDADE EM TEMPOS REMOTOS

NO Oriente, nos quais a imortalidade da alma ocupa lugar preeminente. A metempsicose, em alguns dêles, assume o caráter de dogma.

Reportando-nos aos egípcios — que criam na existência de um “duplo” imaterial da mesma forma e aspecto do corpo — notamos que posteriormente essa crença sofreu ligeiras modificações, mas não na estrutura. Assim lemos no “Livro do Silêncio”: “A essência vital é *Khiu*. É uma flama escapada do Sol, uma fagulha do fogo divino. À morte do corpo, *Khiu* toma a sua própria personalidade e deixa todos os elementos que a personalidade humana lhe superjuntou. Volta para o Sol de onde é emanado e, apesar disso, as suas agitações de alma forçá-la-ão a descer de seu irradiante e maravilhoso asilo para animar outro corpo.”¹ Temos aí um nítido perfil de “alma” entre os egípcios, em tempos recuados.

Outro ponto alto na apreciação da idéia imortalista, é a famosa lenda hindustânica da metempsicose. Inicialmente é o verme rastejante que, atendido em seu desejo, se transforma em flor; esta se transmuda em borboleta que, por sua vez, toma a forma de água. Esta, de acordo com o seu anelo, se transforma em estrêla. Finalmente a estrêla, anelando a imortalidade, foi mudada em Alma Humana. E esta, para que fôsem frenadas as suas expansões, foi encarcerada no corpo do homem. Aí está o grande disparate, apesar do colorido poético.

A imortalidade natural era o *leit-motiv* das antigas concepções religiosas. No vedismo (antiga religião hindu, anterior ao braamanismo) havia *yam*, deus dos mortos *amrita*, bebida da mortalidade. Havia o *naraka* (inferno), lugar abaixo da terra onde as almas dos condenados ficavam temporariamente, antes de entrarem no ciclo normal da metempsicose. *Mutatis mutandis* e com novas roupagens, eis a idéia reencarnacionista tão apreçada pelos espiritualistas hodiernos. O taoísmo (500 A. C.), anterior ao confucionismo, é um amálgama de adoração dos espíritos da natureza e almas dos mortos. Havia também o elixir da imortalidade. O confucionismo caracterizava-se

pela ênfase ao culto dos antepassados. Tanto no taoísmo como no confucionismo, os espíritos dos mortos vivem na atmosfera, nos lugares que habitaram.

Saquiãmuni, fundador do budismo, também pregava a imortalidade inerente. “A alma, identificada com a Lei, quando entra na beatitude do Nirvana, continua a velar pela felicidade do universo”. Nos templos budistas se pintam as “câmaras de horrores”, ou seja, o itinerário infernal das almas e seus incríveis padecimentos.

Na Pérsia, segundo a doutrina mazdeana, “a alma depois de permanecer dias pelos arredores de seu cadáver, deixava-o e ia para o lugar do juízo final.”²

Segundo os gregos, as almas ficavam no Érebo, perto do abismo do Tártaro. No século V, A. D., com os mistérios órficos e de Eleusis, veio o concepção de recompensa e castigo das almas. O paganismo romano — essencialmente animista — dava grande importância às almas dos mortos — os *manes* que se encontravam em toda a parte. Sabido é que os escandinavos admitiam um inferno de várias categorias e subdivisões, ao fundo do *Helheim*, mundo dos mortos.

As mitologias também ensinavam a imortalidade. “As almas, antes de chegarem à corte de Plutão e ao tribunal de Mínos, tinham de passar o Rio Aqueronte em uma barca governada por Caronte, ao qual elas davam uma pequena moeda pela passagem.”³

Bunsen, afamado historiador, também nos diz: “Os egípcios ensinaram a doutrina da imortalidade da alma, fato mencionado por todos os escritores gregos, desde Heródoto a Aristóteles, e brilhantemente confirmado pelos monumentos.”⁴

Sabemos que a raça indo-européia, de que as populações gregas e italianas são os ramos, cria em algo que sobrevivia ao corpo. Originaram esses povos os chamados “ritos de sepultura”, demonstrando que quando metiam um corpo no sepulcro, acreditavam que lá punham também “alguma coisa que vivia.” Nota-se isto, de modo inequívoco, em Virgílio, ao descrever os fune-

rais de Polidoro, cuja narração assim conclui: "Encerramos a alma no túmulo." Em Ovídio e Plínio, o Moço, encontram-se expressões idênticas, o que prova sobejamente ser essa idéia corrente em seu tempo, idéia que provinha de crenças mui remotas. Deve-se notar que, no final da cerimônia fúnebre, era costume o oficiante *chamar três vezes a alma do morto*, pelo nome que tinha usado em vida, augurando-lhe vida feliz debaixo da terra. A fórmula era: "Passa bem, F. . . , e que a terra te seja leve".⁵ Considerava-se um sacrilégio a inumação de um corpo sem os ritos tradicionais e as fórmulas consagradas. Plauto menciona a história de uma alma do outro mundo, que andava errante, porque seu corpo fôra enterrado sem o ritual fúnebre. Suetônio relata que, pelo fato de ter o corpo de Calígula sido enterrado sem estas prescrições ritualísticas a sua alma andou errante, aparecendo aos vivos, só cessando de o fazer quando se decidiu exumar o corpo e cumprir o ritualismo. Esta crença ganhou tal consistência, que atingiu as raízes do fanatismo. De uma feita, os atenienses chegaram ao cúmulo de fazerem morrer os generais que, depois de uma grande vitória no mar, tinham descuido o entêro dos mortos. Por essa razão, a multidão acusou de impiedade êstes generais, e foram inapelavelmente mortos. Tinham salvo Atenas, mas perdido milhares de almas. Afirma-se que os progenitores dos mortos, crendo na desgraça que estas almas iam sofrer pela ausência dos ritos, compareceram ao tribunal em trajes de luto, reclamaram vingança, e insistiram até que a mesma se cumpriu.

Ovídio e Virgílio descrevem também o costume que havia em seu tempo, de os parentes dos mortos depositarem grinaldas de flôres, plantas, frutas, sal, comestíveis, leite e vinho sôbre a sepultura. Outros escritores gregos também a êle se referem. Diziam que a alma do morto se agradava de tais coisas e delas se nutria.

Estas concepções francamente pagãs, por influência do convívio começaram a infiltrar-se na Palestina. Já no tempo de Cristo, notamos a influência dessas idéias. "Os fariseus ensinavam a existência de espíritos, tanto bons como maus . . . (idéia que) recebeu talvez *grande impulso das idéias pérsicas*. Acreditavam no galardão e suplício eternos, idéias *que tiveram um grande desenvolvimento nos dois séculos antes de Cristo*".⁶ Em Atos 23:8 se afirma que os fariseus admitiam a existência de espíritos.

Mais uma citação que reforça êste fato, insuspeito Walker: "As religiões orientais (Cibele, ou Grande mãe, e Atis, na Ásia Menor; Ísis e Serápis, no Egito, e a de Mitra na Pérsia) ensi-

navam o renascimento e que os fiéis participavam da imortalidade de seus deuses . . . Não pode haver dúvida alguma sôbre o efeito que estas doutrinas exerceram sôbre o desenvolvimento dos sacramentos do cristianismo."⁷

Sem receio de errar, podemos afirmar com tóda a convicção: a imortalidade natural e a concepção de alma como entidade distinta do corpo são doutrinas pagãs, antibíblicas e vêm de encontro à verdadeira escatologia ensinado nas Escrituras

- (1) H. Durville, "*Ciência Secreta*".
- (2) Dic. e Encicl. Internacional, pág. 5876.
- (3) Arquimina Brito, "*Mitologia Dupla*", pág. 135, ed 1926.
- (4) Bunsen, "*Egypt in Universal History*", Vol. IV, pág 639.
- (5) Fustel de Coulanges, "*Apêgo à Sepultura*",
- (6) W. Walker, "*História da Igreja Cristã*", pág. 17.
- (7) *Ibidem*, pág. 21.

A Espôsa do Pastor

(Continuação da pág. 14)

Ela procura cultivar a paciência, o tato, o espírito de adaptabilidade e a hospitalidade, e acima de tudo, deve amar os membros da igreja.

A espôsa do pastor deve saber sacrificar seus desejos particulares, suas vontades, seus planos, seu conforto, finalmente, o seu próprio Eu. Mas a recompensa é grande também.

"Certo pastor, com sua família, estava por sair de uma cidade, onde havia sido seu primeiro campo de trabalho e foi despedir-se de uma irmã idosa.

— "Bem", disse ela, "creio que logo vão arrumar suas malas".

— "Oh! sim," respondeu êle; "de fato, já empacotados quase tudo".

— "Há uma coisa que o senhor não poderá empacotar, que há de deixar atrás quando fôr", observou a anciã.

— "Que será?"

— "O senhor não poderá empacotar a sua boa influência", apressou-se ela a dizer.

Verdadeiramente o pastor, sua espôsa e filhos exercem uma grande influência em suas relações com os coobreiros, os membros da igreja e os vizinhos do lugar onde moram. Quão cuidadosos devíamos ser para que a nossa influência sempre fôsse o que deveria ser.